



Dinâmica Espírita

REVISTA Nº 81

Fevereiro/2022

Curta nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/ceamorepaz>

Perdão e Auto perdão

De fato, no influxo de nossas encarnações e como testemunhas da história, nos foi dito que: *“Então ninguém terá encargo de instruir seu próximo ou irmão, dizendo: aprende a conhecer o Senhor, porque todos me conhecerão, grandes e pequenos – pois, a todos perdoarei as faltas sem guardar lembrança de seus pecados”* (Jeremias 31:34).

No entanto, a ideia do perdão, ou seja, o pensamento de que diante de alguém que te feriu, a possibilidade de se escrever uma estória diferente, já existia no planeta, entre os Vedas (*a civilização védica desenvolveu-se nos segundo e primeiro milênio a.C., embora a própria tradição da literatura védica proponha uma data muito mais remota, chegando a dezenas e centenas de milhares de anos. O sânscrito védico persistiu até o século VI a.C., quando a cultura começou a transformar-se nas formas clássicas do hinduísmo - https://pt.wikipedia.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%A3o_v%C3%A9dica*).

Há uma frase atribuída a Buda que diz “Sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere”, em suas pregações havia conceitos védicos. Mas em Israel, a informação do perdão ainda não havia chegado, a sociedade movia-se com o conceito de revidar, “olho por olho, dente por dente”, predominando as

leis mosaicas, daí a importância da vinda do Messias e dizia a profecia sobre a sua vinda *“Abrirei a minha boca em parábolas e publicação de coisas ocultas desde a fundação do mundo”*.

Mas para os judeus, ainda o conceito de perdão, segundo a lei mosaica estava atrelado a ideia de esquecimento, esquecimento da ofensa de que fomos vítimas ou daquela que infringimos a nosso semelhante.

Evidentemente, neste contexto revela-se a dificuldade do exercício do perdão, pois como seres ainda imperfeitos na senda da transformação espiritual, certamente, medimos o tamanho da ofensa com a possibilidade do perdão.

Muitas vezes esbarramos em nossos sentimentos e preconceitos para justificar ou até mesmo inviabilizar a experimentação do perdão.

No entanto, com a vida do Cristo, trazendo para a humanidade a segunda revelação, melhor esclarecendo a lei mosaica, também abarcou nova conceituação do perdão.

Nos diz o Amado Governador, em sua breve passagem pelo planeta, que Deus é Deus de amor, infinitamente justo e misericordioso.

Em seu roteiro consolador nos ensina: *“Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Assim, também vós deveis amar-vos uns aos outros”* (João 13:34).

Ensina a todos nós, a perdoar indefinidamente, perdoar a todos e perdoar a nós mesmos.

No livro *“Boa Nova”*, no capítulo 10, diz Humberto de Campos, que quando Jesus no meio da turba em Nazaré, fazendo pregações, algumas pessoas se acercaram dele e passaram fazer acusações, afirmando que ele estaria interessado na sucessão de Herodes; outros diziam que ele seria um feiticeiro incomum; um servo do espírito do mal; que Jesus era contrário as tradições de Moises, portanto, um blasfemador. O outro grupo, dizia que ele seria assecla

de outros reinos, facilitando a invasão da Galileia; que Jesus era inimigo de Herodes Antipas, queria dele aproximar e depois apunhalá-lo.

Eles não só falavam estas inverdades, mas também as espalhavam aos habitantes de Nazaré. O ambiente era extremamente hostil, e os apóstolos vendo a tudo, tentavam defender Jesus, estabelecendo discussões acaloradas. Mas o Cristo nada fez, apenas se retirou, nada dizendo. Felipe e Pedro, muito incomodados, foram procurar Jesus em busca de resposta do porquê não havia se defendido e ele lhes disse que a melhor réplica é sempre do nosso trabalho, nossas atitudes; pois verdadeiramente é com nossos atos que dizemos quem somos.

As lições que o Cristo transmitiu neste episódio a seus discípulos revelam que somente podemos dizer o que o coração está repleto do que dizemos; não é porquê todos nos elogiam, que estamos certos; nosso papel não é convencer os outros, mas servir a Deus; o perdão tem que ser oferecido com espontaneidade, lavando nossa alma, libertando nosso coração de toda a mágoa; o perdão não exclui a necessidade da vigilância (prudência); não é necessário que o outro se arrependa para darmos nosso perdão (se o outro não te perdoa, problema dele; se não pedirmos perdão, problema nosso); não julgue o outro, pois somos todos imperfeitos; podemos até nos defender das inverdades, mas sem perder tempo e, por fim, Jesus recomenda que querer agradar a todos é no fundo vaidade.

Na obra “O Consolador”, na questão 337, nos diz Emmanuel: *“Concilia-te depressa com o teu adversário. Essa é a palavra do Evangelho, mas se o adversário não estiver de acordo com o bom desejo de fraternidade, como efetuar semelhante conciliação? Cumpra cada qual o seu dever evangélico, buscando o adversário para a reconciliação precisa, olvidando a ofensa esquecida. Perseverando a atitude rancorosa daquele, seja a questão esquecida pela fraternidade sincera, porque o propósito de represália, em si mesmo, já constitui uma chaga viva para quantos o conservam no coração”*.

Assim, quando pensamos em perdão, pensa-se exatamente numa necessidade comum a todos nós, com mais ou menos intensidade, referindo-se a coisas mais

ou menos específicas. A este respeito, Jesus comenta no Evangelho de Marcos, explicitando para que ele veio: *“Os sãos não necessitam de médico, mas sim, os que estão doentes. Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento”* (Mateus 10:12).

Certamente estamos diante de significativo desafio, pois, já sabemos que o ato do perdão não se resume em mero esquecimento da ofensa e do ofensor; e sim, do exercício contínuo da empatia, em nos colocar no lugar do outro e diante dessa realidade perdoar.

Nos diz Rossandro Klinjey, em sua obra *“Auto perdão – O aprendizado necessário”* (ed. Feego – 2015 – fl.39), *“se entendermos a revelação espiritual como um jogo que vai ampliando o grau de dificuldade para nos capacitar ao desenvolvimento espiritual, diríamos que já no Velho Testamento e na Torá temos uma proposta que inicia em nós o aprimoramento espiritual. Destarte, para entendermos nosso desenvolvimento espiritual, podemos compará-lo a um jogo que amplia pouco a pouco as dificuldades, capacitando-nos à evolução”*.

Certamente, perdoar a quem amamos é muito mais fácil do que perdoar nossos inimigos. Eis o supremo desafio do candidato à evolução.

O perdão é um processo!

Inicia-se pela consciente contensão do revide, ou seja, não devolver a ofensa recebida, interrompendo o antagonismo. Aqui exercemos nossa capacidade de cuidar de nós mesmos.

Embora desafiadora, não basta esta relevante iniciativa. Deve-se seguir, como ato unilateral que é o perdão, porque depende apenas de nós mesmos a determinação de deixar este sentimento, para trás, libertando-nos do ressentimento.

Em verdade, o que se pretende com o perdão é libertar-se; mas se criarmos a falsa expectativa de retribuição ou até mesmo de eventual reconciliação, certamente nos decepcionaremos.

Muitas vezes em que pese o pedido de perdão, não é possível retomar a convivência com aquela pessoa, mas esta dificuldade não esvazia, de forma alguma, nossa sincera atitude.

Por outro lado, o perdão proporciona o reencontro com aqueles contra quem fizemos mal. Mas, a infinita misericórdia do Criador que em sua arquitetura Divina, nos coloca as criaturas e circunstâncias necessárias para o nosso aperfeiçoamento espiritual.

O apóstolo Paulo, nos diz: *“Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que fizerem uns dos outros”* (Colossenses 3:13).

De fato, ante nossa manifesta imperfeição e como aprendizes, seremos compelidos a repetir nossas provas até que sejamos capazes de por elas passar sem reclamações e amarguras.

É como o professor que por nos estimar e, sabedor de nossas dificuldades, nos oferece outra prova para melhorar nossa avaliação.

Aliás, estas questões também são consideradas no processo reencarnatório, quer programado, quer compulsório.

O perdão, como ensinado pelo Mestre Jesus, é tratamento que cura a alma, pois, como nos lembra, o autor Rossandro Klinjey, *“somos doentes de duas chagas – orgulho e vaidade – “e estamos aqui admitindo o estado de doente, sempre que comparecemos ao cumprimento de uma atividade religioso estamos dizendo: ‘vim aqui, porque sou doente e quero ser curado’. Afinal, Jesus veio não para os que estão sãos, mas para os que necessitam de médico”* (pág. 62).

Certo que os conflitos que vivenciamos expõe o amor-próprio ferido, dilacera o orgulho, desata os nós, reaproximando nossos desafetos.

De fato, às vezes nos vemos vencidos por problemas, questões de difícil enfrentamento e soluções, que revelam nossa temporária incapacidade de solucioná-las. Mas, mesmo assim, não podemos esmorecer, pois, certamente teremos a eternidade para o necessário aprendizado.

Salutar recordarmos que tudo passa, finita a encarnação, mas imortal é o espírito e, caminharemos em busca de nossa evolução.

Nossas mais profundas experiências na encarnação são no seio familiar, pois, pela Divina Bondade de nosso Pai, somos colocados a conviver com nossos inimigos, com aqueles que foram nossos algozes, ou até mesmo nossas vítimas.

A infalível experiência é de tomarmos o lugar do outra na dor, trocando de posição, para sentirmos verdadeiramente aquelas sensações e dificuldades que apenas imaginaríamos.

Mas neste contexto familiar estas relações ficam mais complicadas pois, com o nascimento de um filho, por exemplo, teremos, além de com ele conviver a miúde, ainda, temos a responsabilidade de educá-lo e acompanhá-lo por toda a encarnação, quiçá, depois, na erraticidade.

O Cristo nos convoca a perdoar, a ver o outro com seu olhar de bondade e respeito. Fazer ao outro o que esperamos seja feito a nós, usar empatia no julgamento.

Nunca é demais lembrar, que muitas vezes somos mais imperfeitos ao que nosso antagonista.

Assim, nos lembra o ilustre autor Rossandro Klinjey, in: “Auto perdão – O aprendizado necessário”, que perdoar não é esquecimento; não é diminuir ou aprovar o erro; não é permitir o erro; não é esperar um pedido de perdão; não

é parar de sentir dor; não é negligenciar a justiça; não é confiar e, também, nem sempre é reconciliação (páginas 97/108).

O processo de perdão exige persistência e repetição, lembrando do ensinamento de que devemos perdoar nossas ofensas, setenta vezes sete vezes, ou seja, indefinidamente.

A inegável condição de imperfeição da condição humana, nos revela limitação em nossas atitudes com o outro, nossa falha na percepção daquele com quem caminhamos.

Temos que admitir esta fragilidade, para bem entendermos nossa incapacidade de lidarmos com os problemas da nossa existência. Mas sempre é salutar destacar que naquele contexto, fizemos o melhor que conseguimos, revelando, assim, o auto perdão.

Se conseguirmos encarar nossas dificuldades, como incapacidade momentânea inerente a nossa passageira imperfeição, é possível alcançarmos o auto perdão; que surgirá como bálsamo bendito que cicatrizará nossas dificuldades emocionais.

Há que se ter coragem para perdoar. Gesto importante para o autoconhecimento, pois o outro aponta nossas faltas, nos revela e nos dá a oportunidade de refazimento e libertação.

Lembremos sempre do ensinamento do Cristo Amado: *“enquanto houver luz, caminhe”*.

Emmanuel nos lembra, *“o bem que praticares em algum lugar é teu advogado em toda a parte”* (Vinha de Luz – página 96).

Certamente esta é a mais complexa lição do Evangelho, pois perdoar implica voltar a gostar de alguém que nos feriu e traiu nossa confiança e, ainda, nos perdoar por causar sofrimento ao outro, aceitando nossa dificuldade e imperfeição.

Lilium Marques
CEAP/SP
Dezembro/2021

DINÂMICA ESPÍRITA

Editor:

Plinio J. Marafon
Jornalista – MTb nº 9.727/72

Diagramação: Denise e Fabiano Soares da Silva

**Mandem-nos artigos para publicarmos.
Opiniões sobre a revista e pedidos
para recebê-la via e-mail:
dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br**